

SOMNIUM

BOLETIM DO CLFC

ANO II - Nº 17 - MAI. 87



O TERROR DA
SEXTA LUA
HEINLEIN

SOMNIUM® é o boletim oficial do CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA - CLFC, publicação mensal distribuída gratuitamente a todos os associados em dia com seus encargos sociais e não possui serviço de assinatura. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas a apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não são devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores; as demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria do boletim.

Somnium nº 17 - maio de 1987 - Ano 2

Editor : R. C. Nascimento - Tiragem : 100

Í N D I C E

Capa : ilustração de Cesar R.T. Silva

| | |
|--------------------------------------------------------------|----|
| Editorial | 1 |
| Novos Sócios | 1 |
| Lançamentos | 2 |
| Internacionais | 2 |
| Cartas dos Sócios | 3 |
| . Caio Luiz Cardoso Sampaio | |
| . Christopher Cesar de Souza | |
| . Adalton Aparecido dos Anjos | |
| . Araty Peroni | |
| Contos | |
| . Saudades Eletrônicas | 4 |
| . A Morte é uma Linda Morena | 5 |
| . Jogo Rápido | 6 |
| Norton de Almeida Coll | 4 |
| Walter da Silva Machado | 5 |
| Bráulio Fernandes Tavares Neto | 6 |
| Artigos | |
| . A Participação dos Sócios do CLFC no Somnium - Uma Revisão | 7 |
| . Sobre Traduções | 9 |
| . Contos, Contos, Contos!! | 9 |
| . Reminiscências | 10 |
| José dos Santos Fernandes | 7 |
| Fábio Fernandes | 9 |
| Cesar R.T. Silva | 9 |
| Norbert Franz Novotny | 10 |
| Crônicas do André | 11 |
| André Carneiro | 11 |
| A Tradução Analisada | |
| . Duna | 12 |
| Fábio Fernandes | 12 |
| Pockets em Revista | |
| . The Postman | 14 |
| Sérgio Fonseca de Castro e | 14 |
| José dos Santos Fernandes | 14 |

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, SP aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 86/87, está composta pelos sócios R.C.Nascimento [Presidente], Ivan Carlos Regina [Secretário Executivo] e Carlos Roberto Dotal [Tesoureiro].

Compõem ainda a administração os sócios Laerte Francisco Lemmi [Diretor Auxiliar de Eventos] e José dos Santos Fernandes [Representante Oficial no Rio de Janeiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do Somnium deve ser endereçada para

Caixa Postal 2209 - Ag. Central
01051 São Paulo, SP

A Editoria agradece aos sócios que colaboraram com matérias para este número do boletim e solicita que novos trabalhos sejam remetidos, lembrando que a data de fechamento para recebimento de matéria é 20 (vinte) do mês.

EDITORIAL

Este décimo sétimo número do *Somnium* nos traz trabalhos de sócios que, pela primeira vez, nos presenteiam com seu talento. Estamos certos de que novos trabalhos serão apresentados nos próximos números, num renovar constante. A programação da Mostra de Ficção Científica que foi realizada durante todo o mês de maio, em conjunto com SESC-Fábrica da Pompéia, merecerá relatório especial do Coordenador do evento, nosso Secretário Executivo Ivan Carlos Regina, a ser publicado brevemente. O Caderno Especial, com a transcrição dos debates do Fórum de FC, será colocado à disposição no menor prazo possível. Como se pode observar, muito se tem feito dentro dos objetivos do clube para este ano; por outro lado, a situação econômica por que passamos não favorece os que desejam ingressar no CLFC, nem aqueles que, sócios, encontram restrições para manter em dia seus encargos sociais. Assim é que a Diretoria, mais uma vez, lembra a todos que o parcelamento dos encargos sociais não só pode como deve ser feito sempre que necessário: não se trata de fazer favor, mas de atender prerrogativa dos sócios assegurada em assembléia. Não deixe portanto de encaminhar seu programa de parcelamento, diretamente à Tesouraria, tão logo possível: lembre-se de que, quanto mais cedo for fixado este parcelamento, menor será o ajuste decorrente do aumento das OTN. Gostariamos de cumprir com toda a programação deste exercício, o que depende essencialmente do suporte financeiro proporcionado pelos sócios. Sua parcela é importante. Até lá, fique com mais este número do nosso boletim que traz, como sempre, o que de melhor se tem produzido neste segmento específico de publicação amadora de ficção científica.

NOVOS SÓCIOS

Este mês damos as boas-vindas a mais seis novos companheiros, o que não somente ampliará nosso quadro social mas, também, reforçará nossa participação em algumas localidades. A consolidação do CLFC nas mais variadas regiões do país é importante para a difusão da FC, um dos objetivos maiores do clube. Contamos com todos neste trabalho:

- (82) Carlos Alexandre Amorim Rocha [HIGS 703 - BL. 'B' - CS 54, 70331 Brasília DF]
- (83) Marcello Simão Branco, estudante universitário, deseja aumentar seus conhecimentos ligados à FC. Coleciona artigos sobre o gênero e está interessado em bibliografia de bom nível literário e imaginativo. Seus autores favoritos são Clarke, e Asimov [Av. Clara Mantelli, 110 - 04771 São Paulo, SP]
- (84) Luiz Antonio Milani Callino é dentista, e curte leitura e vídeo [Rua Brígida Dias Gonçalves, 6 - 06000 Osasco, SP]
- (85) Fábio Fernandes da Silva é tradutor, e gosta muito de cinema, livros e histórias em quadrinhos. Para ele, é o tratamento do tema, o estilo, que torna original a história, por mais visado que seja aquele. Seus autores prediletos são Frank Herbert, Brian Aldiss, Anne McCaffrey, Walter M. Miller Jr., Kurt Vonnegut, Ray Bradbury, Alfred Bester, John Windham, Philip K. Dick, Larry Niven, Richard Matheson e Stanislaw Lem (obras completas, no original e traduções em língua portuguesa). [Rua Batovi, 143 - 21220 Rio de Janeiro, RJ]
- (86) Nivaldo Spiazzi, contador e professor, curte ufologia, o universo e seus mistérios, mutações na era da informática avançada e outros temas. Está interessado em Carl Sagan, Isaac Asimov e Arthur C. Clarke [Rua Francisco Pires Ribeiro, 225 - 03625 São Paulo, SP]
- (87) Cid C. Miranda Jr. é engenheiro eletrônico e analista de sistemas. Seus interesses são variados: em literatura, curte Heinlein, Van Vogt, Simak, Le Guin, Vinage, McCaffrey, Farmer, Pohl, Vonnegut Jr.; em cinema, FC em geral (não gosta de terror), espada/feiticeira e, ainda, efeitos especiais; em ilustração, gosta de Froud, Frazzeta e Vallejo; em música, curte rock (não muitos heavy) e MPB (exceto samba); na pintura, prefere Dali, Bosch, Renoir e Ernst. Aprecia ainda cinema e vídeo [Rua Moura Brasil, 68/902 - 22231 Rio de Janeiro, RJ]

Nossa meta para 87 (100 sócios) está se aproximando rapidamente. Esperamos que o trabalho de divulgação que temos feito, aliado ao esforço dos companheiros, nos permita, em dois ou três meses mais, fechar aquela meta. Colabore você também neste esforço.

LANÇAMENTOS

Últimas novidades disponíveis, conforme informações recebidas de livreiros, casas aditoras e publicações especializadas :

EDITORA LIVROS DO BRASIL (Argonauta)

357 O Dia Em Que A Terra Gritou
The Poison Belt
Sir Arthur Conan Doyle

EUROPA-AMÉRICA (FC-Bolso)

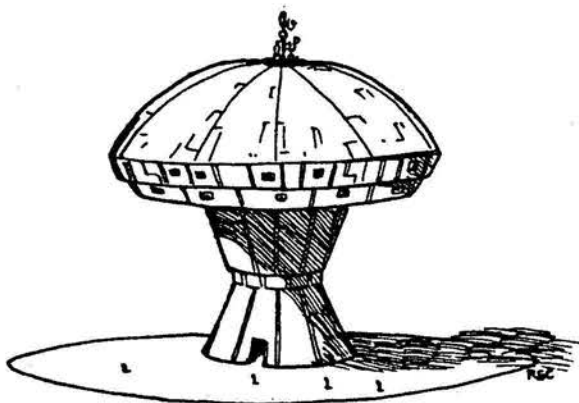
125 Aliens - O Recontro Final (Vol. II)
Aliens
Alan Dean Foster

EDITORIAL CAMINHO (FC-Bolso)

45 Viagens de Ijon Tichy
Ze Wospomniem Ijona Tichego
Stanislaw Lem

47 O Desafio
João Aniceto

49 Aparelho Voador A Baixa Altitude
Low-Flying Aircraft
J. G. Ballard



Mais um livro de João Aniceto, ganhador do 1º Prêmio Caminho de Ficção Científica com seu "Os Caminhos Nunca Acabam" (Coleção Mamute, nº 8). A Coleção FC-Bolso já publicou, anteriormente, "O Quarto Planeta" (nº 29). Assim, parece que João Aniceto é hoje o autor que mais publica FC em língua portuguesa. Para conferir.

IBEA - Instituição Brasileira de Estudos Avançados

- * Não Existem Discos Voadores
- * Os Falsos Discos Voadores
- * Porque Não Há Discos Voadores

Estas tres obras de Max Sussol estão à disposição dos interessados no assunto pelo telefone (011)32-7967, ao preço de Cr\$ 200,00 cada. O endereço da IBEA é Rua Benjamin Constant, 122/119 and./conj. 1107 - 01005 São Paulo, SP.

INTERNACIONAIS

Material recebido de nossos correspondentes no exterior :

- James Blaylock foi o grande vencedor do Philip K. Dick Award com sua novela **HOMUNCULUS**, o que lhe rendeu US\$ 1000 e o Certificado do prêmio. Seu concorrente, Jack McDevitt, recebeu US\$ 500 por sua **THE HERCULES TEXT**. A premiação ocorreu durante a NorWescon's AlternaCon em Seattle.
- Terry Carr faleceu no último dia 7 de abril, na cidade de Oakland-CA. Nascido aos 19 de fevereiro de 1937, Terry Carr recebeu prêmios Hugo como fã e editor, sendo um escritor muito respeitado no gênero.
- Harlan Ellison recebeu o 1987 Screenwriters Award por seu **PALADIN OF THE LOST HOUR**, um episódio da série **Twilight Zone**, na categoria Anthology Episode/Single Program. Este é seu quarto prêmio por trabalho individual, o que lhe garante um record.
- Dean R. Koontz vendeu os direitos de sua novela **WATCHERS** a Roger Corman por nada menos que US\$ 100.000 mais 25% do lucro bruto que o produtor tiver com o filme. Este livro, traduzido para 11 línguas até agora, já rendeu direitos (em adiantamento) da ordem de US\$ 194.000
- O prêmio TAFF 86/87 foi concedido a Jeanne Gomoll.

CARTAS DOS SÓCIOS

FRITZ (7) : gostaria de agradecer, publicamente, ao Marcos (56) e Wellington (71) que tiveram a bondade de elogiar nossos esforços, o que vale dizer, estendê-los aos demais sócios que até aqui têm se empenhado não só em colaborar com o boletim, mas também na divulgação do clube e de seus objetivos. Principalmente os objetivos. Afinal, quando de sua fundação, foi feita questão de deixá-los claros para que não houvessem quiproquôs. Destarte, o Somnium não é um fim, ao que entendo, mas um meio para alcançar outro fim : o espaço que a FC merece como expressão de Cultura e como meio de ampliá-la e difundí-la (a Cultura, cáspite !!!). Efeitos colaterais : a gente mesmo é beneficiada pela divulgação de um tipo de literatura que apreciamos, podendo travar verdadeiras "lutas mentais" com bons autores, no sentido de que concordamos ou não com posicionamentos éticos, científicos ou outros que suas divagações fantasiosas (ou não ?) nos apresentam.

Muito bem posto o comentário a respeito do Somnium.

CAIO (16) : tendo em vista as cartas que venho recebendo dos associados, com listas de faltas, especialmente no caso de sócios novos, informo que estamos iniciando nova campanha para que todos que o desejarem possam enviar-me suas listas, de faltas e duplicatas. Vamos estabelecer prazo de 60 dias, a partir deste boletim, para que sejam enviadas as listas atualizadas; após este prazo será montada a 2ª edição do Guia de .. Faltas e Duplicatas. As listas deverão ser encaminhadas para Caio Luiz Cardoso Sam - paio [Rua Ernani Pinto, 619 - 02128 São Paulo, SP].

Aí está a dica. A primeira edição do guia foi um sucesso, tendo permitido aos participantes obter, para suas bibliotecas, peças importantes. Participe voce tambem desta segunda edição, e estamos certos de que obterá um bom retorno.

CHRISTOPHER (25) : por motivos alheios à minha vontade me distanciei de todos vóces, deixando de responder a cartas de alguns companheiros; porem, possa estar novamente presente com vóces, pedindo desculpas e contando com a compreensão de todos. Gostaria de outra vez gozar da amizade de tão belas pessoas, amizade esta que é por demais prazeirosa. Sei que de certa forma estou devedor, mas sei tambem que a distância afasta corpos mas nunca separa corações. Espero em breve ter em mãos cartas de todos os sócios. Um abraço.

É sempre bom ver os amigos de volta. Seja bem-vindo.

ADALTON (63) : o CLFC vem abrindo novos caminhos entre os leitores brasileiros, adquirindo novos fãs do gênero, que antes nem sabiam o que era FC. Eu sou um deles. Obrigado ao Clube de Leitores de Ficção Científica. Espero que continuem assim. Aproveito para pedir o nº 12 do Somnium, que contra a minha vontade ficou danificado, e os números zero a seis.

Voce não nos precisa agradecer. Estamos cumprindo com a obrigação a que nos impusemos ao fundar o CLFC, como bem disse o Fritz algumas linhas acima. Disponha, sempre. De nossa parte, continuaremos sempre em frente. Quanto aos números do boletim que voce deseja, estamos certos de que, breve, os receberá de algum companheiro. Boa sorte

ARATY (72) : eu sou a 72, terráquea, mulher e bípede ainda. Por acaso conheci a turma do clube, e como resultado sou o nº 72. Tenho Vênus como planeta regente, mas a Lua me influencia muito. Estou começando a conhecer melhor a FC, embora seja leitora já de alguns anos, mas só agora comecei a "sacar" as coisas por informações dos boletins e por alguns papos com o Roberto, Ivan e Cia. Daí, eu estava lendo Gore Vidal, um livro dito como místico, por se tratar do último Avatar, India, Katmandu, Ashran e outros quetais. Kalki, tem o estilo inconfundível do Vidal, um romance cheio de ação e suspense, mas aí é que eu me encafifei. De repente um fato cientificamente possível ocorre, mudando completamente o rumo da estória. Lembrei-me então de uma explicação do Roberto, de como identificar e distinguir FC. Bem, gente, se vóces lerem o Kalki vão me entender e eu gostaria de ter este retorno prá saber se estou certa ou não. Aproveito para dar um viva que deve ecoar até outra galáxia pela iniciativa da formação do clube, pela organização e pela garra da turma, pela seriedade do Somnium, e de saber que tem muito alienígena escrevendo bem "prá xuxu". Um super abraço para

os nºs 1, 2, 3, 4 ... ∞ e até.

E para voce, nossos melhores agradecimentos por toda força que nos deu na organização da Mostra de Ficção Científica.

CONTOS

SAUDADES ELETRÔNICAS

Norton de Almeida Coll

O rosto feminino parecia um mapa assinalando os leitos dos rios tortuosos que conhece ra na vida. A idade não a impedia de abrir-se num sorriso franco.

- Então, meu querido, como estás hoje em teu repouso ?

A voz dele soou como a de alguém a despertar :

- Ahnnn! Que bom estás aí. Sinto-me bem, embora o lugar seja um pouco frio, como sa bes. Tenho sempre saudades tuas.

- E eu passo os dias e noites revendo os momentos felizes que passamos juntos quando estavas desse lado de cá.

Um jovem, bem trajado e portando uma valise de mão, observa de longe a cena.

- Bem, meu amado, vou trocar um pouco essas flores velhas e murchas por essas viçosas que acabei de colher de nosso jardim. Lembras-te dele ? Estátão florido como quando tu o deixaste.

- Claro que lembro. Agradeço, querida, por teu carinho.

Ela mal contém as lágrimas :

- Agora tenho de voltar. Deixei tantas coisas para arrumar em casa. Tenho procurado me manter sempre ocupada como me recomendavas. Deixo-te um beijo.

O vulto de mulher levanta-se lentamente e com uma vênia respeitosa acena um adeus com o lenço.

O moço da valise apressa o passo no corredor rolante que passa delicadamente na alame da cercada de jazigos e túmulos protegidos por anjos, cruzes e outros símbolos mais mo dernos. Ele aproxima-se da mulher.

Ao fundo a melodia que ecoa reproduzida pelas caixas multisônicas é a trilha sonora de "Cemitérios Eletrônicos", o mais popular comercial deste ano de 2012 A.D.

Ele procura abrir conversa :

- Incrível o que se produziu com esses computadores de sexta geração não é mesmo ?

- Ah! Sim, meu jovem. São realmente formidáveis. Às vezes a gente até esquece que exis te algo não-humano por trás disso tudo.

- Oh! Perdoe, minha senhora, se quebrei um pouco seu devaneio ...

- Não, não por isso. Há muito perdi minhas ilusões mais preciosas.

- É que ... sou um entusiasta desses avanços da eletrônica especialmente na área de computadores. Pode até ser uma febre ultrapassada, mas equipamentos como esses aqui ... E na verdade seu funcionamento é bastante simples de explicar. Trata-se de um sensor-interpretador de sons humanos que é acionado pela voz de pessoa visitante; a voz é traduzida em linguagem de máquina e ativa, por sua vez, um avançado sinteti zador de sons que "responde" frases lógicas para uma infinidade de situações.

- Mas a voz é tão parecida com a do finado Albert ...

Ele faz uma pausa estudada para enxugar o suor.

- E na realidade é de fato a voz dele, conforme está contida em dezenas de metros de fita de gravação, desdobrada em segmentos mínimos de palavras, frases, muxoxos ,

etc...; tudo memorizado e utilizado conforme a conveniência da conversa.

- Dito assim, meu rapaz, até parece que é coisa fácil. Parece que é um sistema altamente aperfeiçoado.
- Bem, ainda existem alguns problemas como ... Olhe ali. Vê aquele grupo de garotos ? Eles provavelmente modificaram o sistema do interior da cripta e o estão usando como um simples jogador de cartas. São coisas como essas que não posso aceitar. Todo esse policiamento e ninguém desconfia de um grupo de garotos visitando um cemitério.

Seu ressentimento é sincero. Prossegue confiante sua exposição :

- E há também os inevitáveis loucos e maníacos que ficam horas mantendo suas insanas falas, atormentando as pobres máquinas, sobrecarregando seus circuitos e acabando por silenciá-las.
- Mas pense, meu jovem, na alegria e no estímulo que a implantação desse trabalho trouxe para tantas pessoas. Veja como os solitários sentem um pouco mais de conforto por poder, de algum modo, dialogar com seus queridos e desfrutar de algum tipo de "companhia". Os filhos que nunca chegaram a ver seus pais em carne e osso poderão um dia falar com eles e contar seus problemas. Os jovens esposos ouvirão ainda uma vez a voz de suas amadas e terão a chance de renovar suas juras de amor. Pense nisso. É tanta coisa gratificante que a máquina pode fazer por todos nós.
- Puxa! Estou realmente emocionado. Como é bom ouvir esse depoimento vindo da senhora. Eu não havia me dado conta que este sistema de sexta geração trouxe um benefício social tão vasto.

Seus olhos brilham. Pela primeira vez encontra alguém que partilha de sua paixão pelo computador e mais do que isso, acrescenta uma dimensão humanista que lhe havia passado despercebida. Ele continua :

- O conforto e o consolo que essa aplicação traz é realmente um benefício inestimável. A senhora, que perdeu um ente querido, sente isso e acabou de expressá-lo de forma tão clara e pessoal.
- Obrigado, meu jovem, mas gostaria de lhe dizer que o pensamento não é realmente "meu". Minha proprietária tem como compromisso inabalável comparecer semanalmente aqui para esta visita a seu falecido esposo. Mas hoje por motivo de um mal estar momentâneo não pode comparecer. Restou-lhe apenas utilizar-se do manual do utilitário e modificar as instruções de sua Serva Humanóide de sétima geração ... que sou EU.

Desculpe-me se o surpreendi, meu rapaz, mas fui programada para me assemelhar em tudo com minha dona. Na verdade, hoje eu sou a viúva. Bem, até outro dia.

A valise, que havia caído no chão, ainda ali permaneceu por algum tempo. Só foi recolhida, com certo esforço, após a humanóide ter se afastado do cenário, aos últimos acordes do tema de "Cemitérios Eletrônicos".

A MORTE É UMA LINDA MORENA

Walter da Silva Machado

Tudo estava preparado para as suas férias. Parecia porém, que os céus não estavam de acordo; chovia e fazia muito frio.

Saindo do carro ele retornou correndo para dentro de casa de onde voltou trazendo a manta azul com a qual pretendia se proteger do frio.

Logo após começou a grande luta que seria sair da cidade com aquele tempo horrível.

Todas as ruas da cidade estavam atravancadas de carros e a chuva batia torrencialmente em seu carro como se este fosse um teclado desafinado.

Os vidros da frente e de trás estavam embaciados e somente do lado do motorista a visão era boa já que a janela estava semi-aberta e desimpedida pois a chuva caía de frente, forte e contínua.

Sua velocidade era pouca e, não fosse a chuva, à pé ele iria mais rápido. Porém ele estava de férias e isso contava um ponto na hora de animar seu espírito cansado.

Foi somente após andar três ou quatro quarteirões que ele notou o carro ao lado do seu. A princípio ele mal ligara para o fato de o vulto que aparecia ao volante ser um vulto de mulher, porém o anda-e-para e o para-e-anda lento forçou-o a tentar distrair daquele trânsito louco procurando descobrir se, pelo menos, a motorista era bonita.

Era. E muito bonita por sinal.

Pareceu-lhe que ela também procurava alguma distração para si e por isso abriu o vidro embaçado do carro, deixando-o perceber a bela morena que dirigia o carro ao lado do seu.

E assim, trocando pequenos sorrisos e sinais divertidos, ambos passaram a andar lado a lado no meio daquele dilúvio tentando se livrar tanto do mau tempo quanto daquela cidade-mar.

Foram alguns minutos de poesia para ele que embevecido ria e fazia sinais infantis na vã tentativa de se fazer entender naquele caos de chuva e ruídos.

Ela também se divertia e ele parecia se refortalecer de todas as suas energias ao sorrir feliz aquele sorriso lindo que, a toda hora ela lhe dava.

De repente ele percebeu que só havia mais um sinal e que após, eles estariam ambos já na estrada propriamente dita, longe daquele tumulto todo. Seu coração batera mais forte e descontrolado ele temia perder de vista aquele carro e sua bela motorista.

Tentara em vão transmitir por sinais o pedido urgente para que ela parasse mais à frente para que pudessem se conhecer, quando ela cruzou o último sinaleiro à frente.

Imerso em seus pensamentos ele demorou a cruzar o sinaleiro e quando o fez não notou o imenso caminhão que colheu-o de lado arrastando-o de encontro à parede do outro lado da rua.

Sem saber como, ele saíra do carro e vira-o como se este nada mais fosse que uma sucata feia e molhada. O carro estava todo amassado e dele mal se reconhecia a forma.

Viu, ainda tonto, a confusão e o corre-corre causado pelo acidente que atrapalhava ainda mais o já tão atrapalhado trânsito.

Percebeu, achando até gosado, que não estava molhado, mas que sentia muito frio e por isso conseguira, não sem pouco esforço retirar dos escombros do carro, a manta azul que lá estava.

De imediato reconheceu a seu lado a bela morena que nervosa falava com ele sem que ele a entendesse ainda, tão abalado estava. Tomando-o carinhosamente pela mão ela o retirou do centro da enorme confusão na qual aquele acidente se transformara.

E ele a seguiu feliz, sem perceber que deixava no chão daquele cruzamento, seu próprio corpo, misericordiosamente coberto com sua própria manta azul.

JOGO RÁPIDO

Bráulio Fernandes Tavares Neto

Aproximando-se de seu destino, o helicóptero começa a perder altitude, ao sobrevoar o estacionamento do Aterro Novo, seguindo ao longo da Avenida das Cagarras. A luz dos postes de mercúrio faz brilhar a lataria dos milhares de automóveis do pernoite. O homem de terno comenta com o piloto: "carro é pior do que gafanhoto, e olha que há quarenta anos eu estou vivendo a última década da era automobilística". O piloto concorda. Surge a mancha clara do heliporto do Ipanema Palace. O helicóptero desce com leveza, pousa com estardalhaço. O homem sai, três outros o esperam à descida, conduzem-no para uma passagem coberta, daí para uma sala onde o examinam e revistam, depois para um corredor, que se abre para um corredor maior e atapetado, onde um elevador os leva para baixo. O homem de terno não o percebe, mas um de seus acompanhantes faz uma cara de contrariedade e surpresa ao ver o andar em que o elevador parou; mas antes que diga algo as portas se abrem e três encapuçados entram no elevador, enquanto dois ou

tros apontam pistolas-metralhadoras. Três coronhadas, uma imobilização, e o homem de terno é arrastado esperneando até uma saída de incêndio e um elevador que um outro homem mantém aberto. Na descida ele é algemado por trás, amordaçado, vedado, já sem protestar, apenas rígido, atento a tudo. Saltam numa espécie de andar intermediário e desaparecem por portas e entradas de serviço. Um pátio traseiro, um portão de ferro que alguém ergue apressadamente da guarita para dar-lhes passagem; entram em dois automóveis, minutos depois estão numa lancha, depois em outro automóvel. Duas horas depois param no interior de uma vasta garagem, a julgar pelo ruído. O homem é levado a uma sala quase vazia, a não ser por um enorme espelho de parede com uma moldura de lâmpadas acesas, e uma cadeira de barbeiro, ou de dentista, à sua frente. Ele vê isso a um passo de distância, mas logo eles o sentam ali, sem tirar-lhe a mordaca ou as algemas. Sentam-no ali, engrenagens de consultório fixam-lhe o tronco, depois pescoço e cabeça, ele fita seu próprio rosto que se comprime num buraco quadrado no centro daquelas pernas de inseto mecânicas. Pessoas trazem mesinhas com unguentos, analgésicos, tinturas, desinfetante, absorventes, reidratantes, cicatrizadores, álcool, algodão. Um dos homens que o trouxeram surge trazendo na mão um instrumento que zune, espécie de broca elétrica. Durante três horas e meia ele trabalha, sob o silêncio respeitoso dos outros, curvando-se sobre o rosto emparedado do homem de terno, endireitando-se para fixar o espelho, interrompendo-se para tomar o pulso do outro. Ao terminar, ele é desprendido da máquina, e arrastado para fora; acaba por desmaiar durante o trajeto, mas é reanimado, dão-lhe uísque, tiram-lhe as algemas, o carro sacoleja por uma estrada de terra; o homem fala pela primeira vez, elogia o uísque e pede outra dose, um dos homens volta a servi-lo e pergunta se ele se sente bem, ele diz que sim, foi um problema de circulação, ficar sem mover aquele tempo todo ... O outro pede desculpas e volta a oferecer o uísque, ele recusa com um gesto, recosta-se no banco e fecha os olhos. É deixado à beira de uma estrada onde os carros chispam numa imensa fileira; daí a algumas horas um deles acabará parando, e ele deverá decidir. Ainda tem tempo para rasgar a própria camisa e ocultar a testa com uma bandagem provisória. Ele pensa que é isso que escolherá: aparecer no dia seguinte diante dos microfones e das câmaras, narrar o fato, calar o nome; nenhuma pessoa conseguirá, enquanto ele for vivo, avistar esse ferrete indelével, ninguém o verá jamais, senão ele próprio; pode eclipsar o autor de sua derrota, mas terá que usar pelo resto dos dias a bandagem branca oficial, prevista pelas leis. Ele passa a mão pela testa, que só agora começa a doer. Mas poderá também sair assim, amanhã, com a cara nua, e sem nada a ocultar, pode revelar a todos a palavra SKRANG que lateja agora insuportavelmente em sua pele, manuscrita ao contrário, retroimagem. Pode fazer isto; e fazê-los saltar para o primeiro posto do ranking do continente, de volta ao topo após onze anos, onze anos de perseguição militar bem sucedida. O homem de terno respira fundo no instante em que um pelotão de carros da ronda se aproxima e o primeiro deles acende a sinaleira. Ele pensa no que dirá amanhã a um bilhão de pessoas ao vivo, e a um bilhão mais nos dias seguintes; dirá alguma coisa, dirá o que sempre disse e o que todos esperavam que dissesse, mesmo que estivesse dizendo o contrário; sente-se consigo mesmo um filho-da-puta, um negligente, um descuidado, mas ninguém terá coragem de acusá-lo disso publicamente: acontece com qualquer um, já aconteceu com inúmeros. Os policiais descem e se aproximam, engatilhando as armas; as lanternas convergem para o rosto dele, os homens olham calados durante longo tempo para o monograma pulsante e para o rosto grisalho que os encara; batem-lhe calcanhares e apressam-no para dentro do carro. Acidade ainda não soube de nada, saberá amanhã; e durante os próximos dias cada skrang do país vai ranger muito os dentes antes de conseguir adormecer.

ARTIGOS

A PARTICIPAÇÃO DOS SÓCIOS DO C.L.F.C. NO SOMNIUM - UMA REVISÃO

José dos Santos Fernandes

Este artigo é uma decorrência do editorial do SOMNIUM de março/87.

Dos pontos enfocados pelo editor no número 15 do boletim, decidi ampliar a discussão em torno do primeiro, isto é, a participação dos sócios na elaboração das matérias do SOMNIUM. Para tal, fiz um levantamento dos 16 números do boletim publicados até o mo

mento (dez/85 a mar/87) e obtive os resultados que vão a seguir descritos.

O total de páginas dos 16 números do SOMNIUM foi de 154 (não sendo contadas como tal as últimas capas, ilustradas, e também os encartes).

Destas 154 páginas, 58 foram ocupadas com material da editoria, representando 37,7% do total publicado.

Desde já abro um parêntese para esclarecer que nada tenho contra o número de páginas utilizadas pela editoria já que suas informações, sugestões e notícias são de valor inegável para os sócios.

A sessão de cartas ocupou 11,5 páginas e não foi computada como participação efetiva na elaboração do boletim, embora algumas cartas tenham importantes colaborações, em virtude de que muitas delas, apesar de publicadas, não foram enviadas especificamente para tal fim e sim como correspondência pessoal ao editor (entre as quais se incluem algumas do próprio autor deste artigo).

Existem 79 matérias assinadas (colunas, artigos, contos, testes) em 84,5 páginas do SOMNIUM, perfazendo 54,8% do espaço do boletim. Nestas matérias colaboraram 20 sócios do CLFC (de um total de 77 sócios, no presente momento).

Estes números, à primeira vista, parecem negar a afirmativa do editor de que "são praticamente os mesmos associados que desenvolvem artigos e contos". Porém, quando analisamos mais de perto alguns dados, encontramos que :

1. Os 10 sócios que mais participaram em número de páginas publicadas assinam um total de 69,5% páginas. Isto representa 82,2% das matérias assinadas e 45,1% do volume do boletim.
2. Se nos restringirmos aos 4 sócios que mais publicaram, vemos que eles respondem por 40,5 páginas; 47,9% das matérias assinadas e 26,2% do volume do SOMNIUM.
3. Se levarmos ainda em consideração que a editoria do SOMNIUM se resume, na realidade, a 1 sócio, teremos que 5 sócios são responsáveis por 63,9% de tudo que foi publicado em 16 meses de existência do boletim oficial do CLFC.

Considero este um baixíssimo e perigosíssimo índice de participação, após mais de um ano de atividades e um número atual de quase 80 associados. Caímos no velho problema do grupo de idealistas que tenta arrastar em direção a uma meta uma enorme maioria silenciosa e expectante.

Um fato a mais, ao fazer este breve trabalho de revisão, causou-se frustração e estranheza. Ao rever os boletins e as listagens de sócios, deparei-me com 16 associados que exercem declaradamente atividades de críticos literários e escritores de FC, seja profissionalmente ou ainda como participantes de fanzines. Entretanto, destes 16, apenas 4 se enquadram no grupo dos 10 mais participativos, enquanto outros 5, até agora, só participaram de uma forma modestíssima, e 7 sequer colaboraram uma única vez.

Não consigo entender como alguém que está ligado a um campo literário tão sofrido, como é a FC no Brasil, pode desperdiçar a chance de exercer e expor seus talentos num veículo que já atinge, diretamente, a quase uma centena de pessoas seriamente interessadas no ramo.

Será falta de tempo ? Será desconfiança no nível da proposta ? Será por acharem que um fanzine de clube não é uma publicação séria ? Creio que não pois, como sabemos, os maiores escritores de FC dos EEUU e Inglaterra participaram ativamente e vários ainda colaboram em fanzines (alguns dos quais com quase meio século de publicação ininterrupta).

Ainda tenho esperança de que este quadro se modifique; proque quero ter esta esperança.

Como já mencionei linhas atrás, não sou contra o número de páginas ocupadas pela editoria no boletim, mas sou contra sua proporção em relação ao das matérias produzidas pelos sócios. Não quero também com isto dizer que a editoria deva diminuir o volume de suas informações. Como é fato conhecido por todos, há duas maneiras de se reduzir uma proporção : diminuindo o numerador ou aumentando o denominador. Eu proponho que todos nós trabalhemos para aumentarmos este até então ridículo denominador.

SOBRE TRADUÇÕES

Fábio Fernandes

O que é tradução ?

As definições são muitas e variadas, para todos os gostos. Citá-las todas aqui é trabalho para um boletim inteiro - talvez mais -, e não é realmente a coisa mais interessante e original que se possa escrever a respeito. Talvez seja melhor explicar o que não é tradução.

Tradução não é catar palavras ou frases de um texto, achar seus equivalentes na língua para a qual se deseja verter e recolocá-las no seu lugar de origem. Também não é traduzir todas as expressões ao pé-da-letra, ou, para bom (ou mau) entendedor, "in the foot of the letter". Traduzir talvez seja como que reescrever a obra original; fazer de conta que o autor estrangeiro é na verdade um brasileiro, e escrever como ele o teria feito se isso fosse verdade.

A maioria das pessoas que não conhecem outro idioma além do da terra em que nasceram ainda acha que tradução é um processo mágico: alguns poucos iniciados à ciência herméutica dos idiomas usam de seu lápis de condão e dicionário mágico e zás-trás! O livro está traduzido. Isto, quando as pessoas percebem que o livro não é originariamente escrito em português: "Ih cara, é mesmo! Se você não me avisasse eu nem ia me tocar..." E isso é sério.

Assim como tradução também é coisa séria. Não é assim tão inacessível às pessoas que sabem outro idioma, como também não é coisa que não exija muita dedicação e conhecimento.

Da tradução depende o autor estrangeiro para se fazer entender. Claro que é infinitamente melhor você ler a obra no original, mas nem todos tem condições financeiras ou culturais para isso. Daí a importância da tradução. Daí a importância de que se analise a tradução, para que se avalie a fidelidade em relação ao original. O que se está lendo na tradução brasileira é o mesmo que o autor estrangeiro quis dizer? O português está correto, sem erros que dificultem a compreensão do leitor?

É muito importante que o leitor que não tem acesso às obras no original possa ter o direito de saber se o que está lendo corresponde realmente ao original e até que ponto ele pode confiar na tradução deste ou daquele livro.

Isto posto, torna-se necessária uma crítica de traduções. É importante até ressaltar o seguinte: atualmente não existe - ao menos não que se saiba nos círculos de tradutores da região Sudeste - crítica de traduções no Brasil, de nenhum gênero literário muito menos de FC. E ela se faz necessária na medida que colabora para uma atenção maior da parte dos leitores e um cuidado maior da parte dos tradutores, para que a tradução, ofício já tão menosprezado em nosso país, se afirme cada vez mais, através de sua qualidade, como a arte que é, e que nada fica a dever à arte de escrever livros.

CONTOS, CONTOS, CONTOS!!

Cesar R.T. Silva

Sensibilizado pelo desabafo do editorial do nº 15 do SOMNIUM, resolvi sair de minha cama e comentar os contos publicados até esta edição. Importante salientar o bom nível dos trabalhos, considerando-se a limitação de espaço.

Os melhores contos usualmente tem algumas páginas a mais, onde se pode desenvolver melhor os personagens e igualar o ritmo da narrativa. Um conto curto é tão difícil de se acertar como quando se cria um cartoon. A rapidez é premente, e a idéia deve ser adequada. Tivemos, neste 1º trimestre, um bom grupo deles:

SOMNIUM Nº 13

- O Radiotelescópio - Laerte F. Lemmi

Humor-ufológico, com bom desenvolvimento e estilo. Muitas colocações científicas ga

rantem sua classificação como FC, mas o final surpresa (já falamos nisso outras vezes) e a idéia um pouco batida, não chegam a produzir o brilho que se poderia conseguir.

- Luz - Elisa J.S.da Richa

Drama-Apocalíptico - espiritualista, criado sobre um discurso em 1ª pessoa, quase onírico, inicialmente enigmático, dificulta a leitura do fã mais ardoroso. As imagens formam-se bem, e o clima poético chega a contrabalançar a mensagem pessimista. Bom desenvolvimento, mesmo usando do famigerado final surpresa.

SOMNIUM Nº 14

- Mestre de Armas - Bráulio Tavares

Drama-Aventura-Militarista, usando uma idéia criativa e bom desenvolvimento, e sem o final surpresa!! A análise de uma mensagem é muito fugidia, ou seja, o conto permite várias interpretações, valorizado assim pelo alto nível entrópico (caos). Faltaram imagens mais fortes e trabalhadas, que o tipo de estória permite.

- Pela Valorização da Vida - Ivan C. Regina

Humor, protesto. Desenvolvido sob o tema da engenharia genética (lembram-se de Blade Runner), discute os valores humanísticos da era moderna, que não leva em conta os sentimentos e criatividade dos elementos participantes de um processo burocrático. Imagens inéditas (como o foot mailbox) aproxima-se de um sadio underground.

- Epidemia - Sergioval B.V. Lima

Drama-Apocalíptico-tecnológico, no estilo Dark, aproxima-se de algumas estórias da Warren, aqui publicadas na revista Kripta. Melancólica, arritmica, aturde o leitor, e acaba sem transmitir uma mensagem específica. Arrisco duas: a natureza derrotando a tecnologia ou uma nova versão para Frankstein.

SOMNIUM Nº 15

- O 1000º volume da Saga "Os Dragões dos Mercadores das Areias" - José S. Fernandes

Metalinguagem-protesto, apontando todas as baterias contra a série "Perry Rodhan", numa visão pessoal e controversa, que deve criar agitação entre os fãs da dita série. Vladlen Bachnov escreveu um conto, publicado no Brasil no livro Os Robnicks, sobre máquinas redatoras que não chegaram a escrever nada, pois eram muito inteligentes para limitarem-se a escrita. Redatores eletrônicos provavelmente não se dispõem a redigir intermináveis séries pasteurizadas, pois não reconheceriam o significado do dinheiro. Isso é, por definição portanto, tarefa específica dos seres humanos. E depois de tudo isso, alguém ainda se manterá "Continuista"?

- Conforme Contrato - Sérgio Peixoto Silva

Humor-tecnológico-crítico, satirizando um problema próprio do fim do plano-cruzado os despejos, ou fins-de-contrato de locação. Final surpresa (ops!) bem realizado, bem desenvolvido, com agradável ritmo por ser construído com muitas imagens e diálogos, quase como num roteiro de HQ.

- Estratégias - Cesar R.T. Silva

Quem se habilita ?

REMINISCÊNCIAS

Norbert Franz Novotny

Gostei imensamente do artigo que mostra em poucas palavras o Universo do AUTOR Jerônimo Monteiro.

Eu fui amigo dele ... e de Thereza, sua filha. Na verdade tive o triste privilégio de ser na época um jornalista que fotografou as últimas horas de vida do Mestre Jerônimo, já em seu leito de morte. Fotos essas aliás que estão comigo até hoje e nunca foram publicadas.

Jerônimo e eu nos conhecemos numa das reuniões da SIB (Sociedade Interplanetária Brasileira) na década de 60 à 70 e depois nos encontrávamos nas reuniões que eram promovidas pelo grupo que então tentava reunir os aficionados da FC, entre os quais, além de Jerônimo (nosso Presidente Honorário) havia André Carneiro, Nilson Martelo e toda a "patota" daqueles bons tempos.

Jerônimo um dia me pediu para que traduzisse alguns contos do inglês, para o "Magazine de Ficção Científica", coisa que jamais chegou a se realizar, porque durante o prazo que eu pedira para traduzir, ele adoeceu e eu fui correndo a sua casa, evendo-o de cama, pensei que estivesse gripado. Estava de pijama listado e extremamente mal humorado, assim, tentei levantar o astral, fazendo-o posar para algumas fotos que eu tentaria colocar em algum jornal. O clima porém estava tão para baixo que eu só consegui bater duas fotos dele. Uma sorrindo e a outra sério ... eu jamais imaginaria que seria a última noite daquele homem o qual estimei bastante. Cheguei mesmo a comentar a minha desaprovação sobre o fato dele não aceitar estórias com violência. Os contos no MAGAZINE DE FC seriam todas de otimismo e sem guerras, me dizia ele, e eu me lembro bem que ele riu (e foi esse sorriso que eu fotografei) quando eu disse que essa linha de raciocínio não funcionaria na FC. Aí ele ficou sério e não falou mais ... senti que ele queria descansar e como que avisada telepaticamente, Thereza entrou no quarto, olhou para mim e eu entendi que estava na hora de sair.

Nunca consegui acreditar, no dia seguinte, quando voltei a visitá-lo, o que "Thereza" me disse: "Norbert, meu pai faleceu a noite passada!"

Foram poucas as vezes em que fiquei chocado. Esta foi uma delas.

CRÔNICAS DO ANDRÉ

SCIENCE FICTION MUNDIAL EM COPACABANA

André Carneiro

O Brasil é um país de paradoxos. O que possuímos de SF para ter um encontro mundial dos melhores escritores? Quase nada. Mas tivemos. Foi em 1969. Do estrangeiro já recebi alguns pedidos para contar a história. Nunca o fiz nem vou fazer agora. Só comentar uns pedacinhos. Um relato completo exige que eu reúna uma documentação meio espalhada. Fica para um dia ...

Alguns nunca ouviram falar de José Sanz. É uma vibrante e extraordinária figura que deve ainda morar no Rio. Amigo (na época) de Orson Welles e outros artistas, apaixonado pela ficção científica e tendo influência sobre os organizadores do maior festival de cinema já realizado no Brasil. José Sanz convenceu todo o mundo de que se deveria realizar um Simpósio de Ficção Científica durante o Festival. Dono da idéia e da organização, ele, que conhecia o assunto profundamente, trouxe para o Copacabana Palace uma seleção dos melhores autores do gênero, ainda hoje donos de sua posição.

Apenas como amostra, podemos citar Arthur C. Clarke, Alfred Bester, John Brunner, Harry Harrison, A.E. Van Vogt, Frederick Pohl, Brian Aldiss, Poul Anderson, Harlan Ellison, Robert A. Heinlein, Damon Knight, J.G. Ballard ... bem, vou parar por aqui, não tenho a lista em minhas mãos, talvez completa esgotasse o espaço desta crônica. É claro que vieram também célebres roteiristas de cinema, como Sam Moskowitz, o crítico Jacques Sadoul, etc..., pois houve simultaneamente um festival de cinema de ficção científica.

Lembro-me que muitos lamentaram a ausência de Ray Bradbury, que, naturalmente, tinha sido convidado. Anos depois, em Los Angeles, perguntei-lhe por que não viera. Com um leve sorriso ele respondeu-me seriamente: "Não fui porque tenho medo de andar de avião". Não era piada pois li essa declaração também em uma entrevista.

Em 69 eu morava em uma pequena cidade do interior paulista.

Com muita admiração recebi um telefonema de José Sanz (que eu não conhecia) convidando-me para presidir o Simpósio. Aceitei, como aceitaria hoje qualquer convite de um alienígena para visitar seu planeta "out of space". Só aleguei a ruindade do meu inglês (língua oficial do Simpósio), que, na época, mal daria para conversar com Tarzan, talvez nem com a Sheeta.

Porém, como vivemos em um país de sonho, deram-me um apartamento no Copacabana, auto móvel com motorista, tradutores, junto com a companhia daqueles autores que têm embala do nossa imaginação desde meninos ...

Naquele tempo Arthur Clarke morava no Ceilão (parece que mudou-se há pouco). O Festival pagou-lhe a viagem até o Rio, onde só ficou praticamente um dia, para receber oficialmente o prêmio que criamos, um monolito negro de granito.

Como "chairman" eu o acompanhei durante as poucas horas de sua permanência aqui. A sessão solene onde ele seria homenageado tinha sido marcada para as nove horas. Não sei se por influência estrangeira eu sou um dos poucos brasileiros que chega na hora marcada, sou de uma pontualidade burra, pois a esculhambação brasileira nos horários tem uma certa alegria despreocupada que eu admiro. Éramos eu, minha primeira mulher e Arthur Clarke. Subimos as escadas vazias para o grande auditório, exatamente dois minutos para as nove. Eu já estava desconfiado com tanto silêncio. Abri a cortina da porta principal e fiquei sem saber o que dizer. Ninguém, absolutamente ninguém. Pensei uma dezena de coisas, inclusive que eu estava enganado com o horário. Procurei o porteiro em sua cabine. Ele me olhou como se eu fosse um idiota "mas é assim mesmo, nunca ninguém chega na hora ...".

Levei Arthur Clarke dois andares abaixo, em um bar, pedimos coca-cola e balbuciei desculpas que nem ele nem eu entendemos. Quando eram 9 horas e meia, resolvi arriscar. Subimos. Quando chegamos no auditório, fiquei assustado. Mais de mil pessoas, jornalistas, radialistas, câmeras de televisão, cinema, autógrafos, fãs, gritos, aplausos, etc... No meio da confusão carioca, perdi Arthur Clarke. Na mesa que ia presidir os trabalhos, uma porção de gente que eu não conhecia, talvez políticos aproveitando o sucesso da noite. Eu mesmo arrumei uma cadeira e sentei-me meio de lado, contente até pelo barulho, pois era o mínimo que merecia um homem vindo do Ceilão só para aquilo.

Detalhe curioso. O Estado de São Paulo, jornal rigoroso, que estava dando uma ampla matéria sobre o Simpósio, comentou em suas colunas que "o Sr. André Carneiro, presidente, cometeu a indelicadeza de aparecer meia hora atrasado com o Sr. Arthur Clarke, ansiosamente esperado...".

Uma última observação - José Sanz soube completar seu trabalho de organização editando, pelo Instituto Nacional do Livro, as teses principais defendidas no Simpósio, desde Forrest Ackerman até Arthur Clarke, em duas línguas, português e inglês. Só de lembrar, estou com uma grande vontade de procurar em minhas estantes o volume, para reler importantes opiniões sobre esse gênero literário tão mal compreendido neste país. Não sei quantos felizardos do Clube de Leitores possuem esse exemplar...

Por uns poucos milhares de piastras, moeda extremamente desvalorizada, permitirei a cuidadosa xerocagem da minha única cópia.

A TRADUÇÃO ANALISADA

DUNA

Fábio Fernandes

Autor : Frank Herbert

Tradutor : Jorge Luiz Calife

Editora : Nova Fronteira, RJ

Ano de lançamento do original : 1965

Ano de lançamento no Brasil : 1984

Exemplar analisado : 2ª Edição

Exemplar no original : pocket da New English Library, 9ª Edição, de 1984

A tradução brasileira de DUNA não desmerece o original. É bem cuidada, e demonstra preocupação com a fidelidade e com o estilo de Frank Herbert. A própria língua portuguesa ajuda bastante, devido a sua versatilidade. Isso possibilita uma tradução fiel da linguagem e estilo formais utilizados pelas personagens. A ausência de gírias e o pequeno número de expressões idiomáticas permitem a boa compreensão do original e reduzem as possibilidades de falhas graves na tradução.

Que, infelizmente, não estão ausentes desta, apesar de encontrarmos determinadas pasagens da tradução que chegam a ser mais belas linguisticamente e esteticamente que as suas correspondentes em inglês. Por exemplo: "O que é a CHOAM senão o indicador dos ventos que sopram em nossos tempos?" (pág. 36). Quem puder conferir com o original verá que a tradução não desrespeita o estilo nem a intenção do que o autor quis dizer, e no entanto, modificou levemente suas palavras, conferindo beleza ao texto (Quem não lê inglês, que não se desespere! Não é difícil reconhecer uma tradução mal-feita; Se você, ao longo da leitura, não conseguir entender bem a colocação das palavras na frase ou seu sentido exato, ou ainda perceber alguma expressão que não faça o menor sentido no texto, não se preocupe, você não é burro; provavelmente é a tradução que está mal feita; não é este o caso).

Aqui, as falhas ficam por conta do tradutor em termos de impropriedades e da revisão, pelos "cochilos"; impropriedade não é erro: não prejudica o entendimento da obra, mas pode comprometer a essência, a linha de pensamento da obra. Como, por exemplo, a abertura do livro, o trecho do Manual do Muad'Dib. Belas e de sentido claro, as palavras da tradução, mas o tradutor mudou o tempo verbal do original: coloca o estudo do Muad'Dib ao encargo da narradora ("... ao começar a estudar a vida de Muad'Dib, teve o cuidado ..."), enquanto que, no original, estaria na verdade se dirigindo a futuras estudantes da vida do Muad'Dib seria assim: ("... ao começar a estudar a vida do Muad'Dib, tenha o cuidado ..."). Percebeu a diferença?

~~confusão~~ com expressões inventadas pelo autor é normal, todo tradutor se envolve com isso de vez em quando. Só que ele e o revisor se descuidaram em duas ocasiões: no começo do livro ele traduz glowglobe por brilho globo e inkvine scar por cicatriz nítida, para só depois se aperceber de que seria mais apropriado chamá-los, respectivamente, de globo luminoso e cicatriz de inkvine; folheei a 5ª edição, recém-publicada, e a revisão ainda nem tomou conhecimento do erro, que por sua vez deve ter perturbado e confundido algum leitor mais atento.

O tradutor, a meu ver - e perceber - só comete mais duas impropriedades ao longo do livro, mas são vitais para a compreensão do histórico religioso da civilização retratada no livro. Na página 73, na citação de Santa Augustine, aparentemente tudo correto. E a citação corretamente traduzida, mas não o nome do santo: segundo o Dicionário Inglês-Português Vallandro (Ed. Globo, 1979, 9ª ed.), Santa Augustine é na verdade Santo Agostinho, com quem, aliás, a citação adquire um sentido mais completo. Não me parece - e acho que o autor não pensava de outra forma - que o autor tivesse inventado essa santa, quando Santo Agostinho tinha uma linha de pensamento similar.

A segunda impropriedade é provavelmente a mais séria: Frank Herbert tem uma visão muito interessante a respeito da religião e seus símbolos; várias vezes se refere, seja em formas de expressão ou em imprecisões, ao demônio, ou Shaitan (pág. 664): "E o dia bo que carregue as Regras" (pág. 41), mas jamais - repito, jamais - se refere diretamente, pelo que pude perceber, a Jesus ou a Deus. Chega mesmo a modificar sutilmente certas expressões populares para reforçar a idéia de supressão: "Oh, my!" (pág. 26 da tradução), que o tradutor verte inadvertidamente para "Oh, meu!" Inteligentemente, percebeu a manobra do autor e a reproduziu, mas não cumpriu satisfatoriamente a tarefa. Me perdoem os sócios paulistas, mas a tradução mais apropriada no caso seria "Nossa!" (onde se observa claramente uma supressão: onde era "Nossa Senhora", agora é apenas "Nossa"; da mesma forma, "Oh my!" está suprimindo a palavra God (Deus). E na página 17? "Deus nos livre, não". O original é "Bless us, no". Quando muito, proponho "Benedito seja, não". Acima de tudo, a tradução desses termos acima implica na própria proposta ideológica do livro: traduzí-las impropriamente, ou seja, com expressões que, numa situação diferente, seriam plenamente aceitáveis, constitui aqui um desliz grave. Mesmo leitores que não entendem inglês já me haviam feito comentários acerca dessas impropriedades.

Mas essas observações não desmerecem o trabalho do tradutor e a sua sensibilidade de traduzir as palavras do livro nos seus equivalentes mais apropriados, proporcionando uma tradução inteligível em português, clara e leve. Quem ler DUNA pela edição brasileira pode ficar sossegado: a essência da obra não se perdeu.

THE POSTMAN

David Brin - 1985 - Bantam - 321 pães.

Sérgio Fonseca de Castro e José dos Santos Fernandes

David Brin já é um autor conhecido do público brasileiro com sua obra "STARTIDE RISING" (Maré Alta Estelar - Europa-América n.ºs. 116-117) a qual arrebatou praticamente todos os prêmios importantes de 1983. Aqueles que já a leram conhecem os dotes de Brin como grande narrador e, principalmente, armador de situações que se entrelaçam num crescendo e levam a um final surpreendente. Em "THE POSTMAN", Brin nos mostra novamente estes dotes, mas com um enfoque diferente pois, enquanto "STARTIDE RISING" é um livro de ação, "THE POSTMAN" é um livro em que predomina a emoção. Brin relata a criação de uma lenda em um mundo devastado e o efeito que tem esta lenda sobre as pessoas, trazendo a esperança na forma de um ser banalizado na nossa civilização: um "carteiro".

Tudo começa quando Gordon Krantz, um andarilho que percorre os Estados Unidos dezesseis anos após uma guerra nuclear, encontra um jeep dos Correios e um carteiro morto em seu interior. Ele usa as roupas do carteiro para se proteger do frio e, a partir daí, Brin arma uma cadeia de eventos que levam o "herói", Gordon Krantz, a se tornar, independente da sua vontade, um símbolo da reconstrução. Um símbolo maior que ele mesmo e que a ele não mais pertence.

Krantz é um sobrevivente esperto mas, no fundo, é um homem decente que não tem coragem de matar a esperança de gente tão sofrida e aceita, contra a vontade, esta transformação. Assim, através dos olhos de Krantz, testemunhamos cenas de emoção quando as pessoas começam a crer na volta de um tempo para sempre perdido através da imagem do "carteiro" e às custas do desespero do personagem, que é um homem a procura de seu passado e que, paradoxalmente, cada vez que traz conforto, vê ficar mais longe sua própria fé. Aí reside a força do livro pois Krantz se torna uma lenda a procura de outra lenda (algum lugar onde a vida que ele perdeu com o holocausto tenha sido preservada) e assim, pode-se prever que, com este infinito caminhar, ele mesmo acabará por tornar realidade a lenda de um país renascido.

O livro foi publicado da maneira mais curta, em duas partes, na Isaac Asimov's S.F. Magazine: a primeira trata do nascimento da lenda e a segunda, mais forte, mostra como mesmo um falso símbolo, desde que tenha a fé das pessoas, pode galvanizá-las e fazê-las pagar o preço maior que é defendê-lo com a própria vida.

Como as duas partes foram publicadas separadamente, a transição entre uma e outra é um pouco abrupta, o que faz perder um pouco o efeito da narrativa de Brin (uma marcha inextinguível de eventos), sendo uma fraqueza do livro. Mas o livro é excelente no todo como uma leitura envolvente e bela, pois trata de emoções belas. Com este romance, Brin se afirma mais uma vez como um dos maiores escritores de FC da década de oitenta.

A idéia de escrevermos esta série de artigos com crítica de livros de FC ainda não disponíveis no Brasil em português surgiu do fato de termos um bom número de sócios em nosso clube que coleciona ou lê livros, principalmente "pocket-books", na língua original. Acreditamos que estas críticas podem ser de alguma ajuda na hora tão angustiante de se decidir pela compra de um livro importado aos preços atuais do dólar e da libra/livro. Por outro lado, abre-se também a perspectiva de uma discussão e conhecimento maiores dos "novos autores" que fazem a FC da atualidade, já que o que nos chega através das traduções, com raras exceções, encontra-se com uma defasagem de uma década ou mais em relação à sua edição original.